

A FAMILIA

| | | |
|---------------------|---------------------------------------|---------------------|
| ASSIGNATURAS | JORNAL LITTERARIO | ASSIGNATURAS |
| CAPITAL | Dedicado á educaçáo da mãe de família | INTERIOR |
| ANNO..... 10\$000 | PUBLICA-SF UMA VZ POR SEMANA | ANNO..... 12\$000 |
| | PROPRIDADE DE | |
| | Josephina Alvaros de Azevedo | |
| | PROFESSORA | |
| Pagamento adiantado | | Pagamento adiantado |

Veneremos a mulher! Santifiquemol-a e glorifiquemol-a!

Victor Hugo.

A FAMILIA

S. Paulo, 18 de Novembro de 1888.

É dever de todo o jornal que apparece dizer o que vem fazer, o titulo porém desta minha revista, d'isto me poderia dispensar; tal não succede, visto que, não vejo unicamente fazer uso da imprensa, para ensinar a mulher paulista a educar seus filhos, porque isso sabe ella.

Instada por algumas amigas afim de fazer umas conferencias sobre a « Educação da Mulher », fiz-lhe notar que a palavra em meus labios era pallida, não tinha as scintillações do verbo de Stael, nem o colorido suave e puro do estylo de Sévigné, nem a energica expressão da palavra de Louise Michel, e que por tanto faria uso da imprensa, escolhendo de preferencia a bella cidade de S. Paulo, d'onde trouxe gratissimas recordações, para ahí dar á luz, á modesta publicação que tem por titulo *A Família*.

Eu represento simplesmente uma convicção e um esforço, nada mais. Effectivamente, a necessidade desta tarefa gloriosa talvez, mas de certo muito superior ao que posso. Embora, a ella submetto-me resignadamente.

As novas doutrinas impõe-se acima de todo pela força mysteriosa da imprensa.

A imprensa que fulmina o erro, também desperta as consciencias adormecidas. Porque ella é como o raio que fende a rocha e perfura o chão. E ha effectivamente uma grande erro a fulminar.

A consciencia universal dorme sobre uma grande iniquidade secular — a escravidão da mulher.

Até hoje tem os homens mantido o falso e funesto principio de nossa inferioridade. Mas nós não somos a elles inferiores porque somos suas semelhantes, embora de sexo diverso. Temos, segundo a nossa natureza, funções especiaes, como elles pela mesma

razão as tem. Mas isso não é razão de inferioridade, porque esse traz o animal na escala natural de suas aptidões. Portanto, em tudo devemos competir com os homens — no governo da família, como na direcção do estado.

Somos victimas de um erro, se outra cousa menos decente não é que nos traça um plano inferior nos destinos das nações.

As sociedades assentam suas bases sobre dois principios cardaes: — o principio da força e o principio da ordem. O principio da força é o homem, o principio da ordem é a mulher. Assim pensando, até me parece que compete-nos de preferencia a direcção das sociedades. Porque o homem é e foi sempre a negação da ordem, sem a qual não ha sociedade possível. E em abono desta opinião eu vos trarei um exemplo muito vulgar — o governo de uma casa. É raro o homem que sabe dirigir-a: Pois bem, elle que não é capaz de governar uma casa, que se compõe de algumas pessoas, como poderá governar um estado, que se compõe de muitas centenas de casas? Entretanto não é nosso o dominio dos povos e das nações. Eu sei que isto não deve ser dito assim, com tanta franqueza ainda estamos longe, muito longe de pretendermos esses direitos, que os homens consideravam exclusivamente seus. Oh! muito longe!

E aqui no Brazil, principalmente, as cousas infimas até espantam, dão origem a commentarios desrazoados, e o que é peor, affectam um caracter de dolorosa crueldade.

De crueldade, disse, e com razão. Haveris de ter visto que sempre que se crea para a mulher uma posição nova, abrindo diante de suas necessidades uma fonte de conforto — uma occupação remunerada, onde ella possa exercitar a sua actividade, ganhando, á luz do dia, pelo trabalho, o pão que teria de obter na escuridão hypocrita do vicio, dentro de casa; quando isso se dá, o acto da pessoa que teve a iniciativa do bem é redicularizado e todos murmuram das primeiras raparigas que procuram utilizar-se do beneficio que vem poupar-lhe dos perigos em que a miseria assedia a honestidade de cada uma. Nem

isso parece um erro, parece uma perseguição!

Em face destes exemplos, devemos confessar com toda a franqueza, que ha nas sociedades uma escravidão mais barbara do que todas as escravidões que a historia nos aponta — é a nossa escravidão. Pior do que todas, até mesmo porque não ha nem nunca houve para nós um termo de rehabilitação, ainda que para isso concorra a excepção phenomenal do talento. Estranho capricho dos homens.

Tarquínio o escravo etrusco subiu as cumieadas do poder da Roma civica. Para a mulher não ha merecimento que a rehabilite nas sociedades! Nenhuma subiu ainda pelo seu merecimento, e é triste dizel-o! até hoje, as que se tem tornado engrandecidas tem pago com o tributo da deshonra as ephemeras glorias deste mundo!

Semiramis, a grande rainha da Babilonia, que edificou maravilhas no ar, como os sonhadores edificam no pensamento, subiu ao throno, não pelos altos dotes do espirito que possuia, mas trahindo os laços conjugaes que a prendiam a um official do exercito, fazendo-se amante e esposa do rei.

Nos tempos modernos, nós vemos a Sra. Roland, dirigindo pelos seus extraordinarios talentos a pleiade de Girondinos de que Verigniaud era orgão na Assembleia da Republica Franceza; administrando ao mesmo tempo uma das pastas de que seu esposo era portador; sendo a alma de uma nação revolucionada, em dado momento daquelle longo periodo de agitação e de lutas sem treguas.

A senhora Roland não teve um grão, uma distincção qualquer entre os seus concidadãos como pessoa politica, ella que era um genio, porque... (monstruoso absurdo!)... porque era uma mulher! Ella que era tudo perante a verdade dos factos e a consciencia da historia, entretanto — nada! — perante seus concidadãos.

A historia dos povos de todos tempos está cheia destas injustiças; e as leis e pragmaticas sociaes reflectas destas ingratições para conosco. Tudo isso devemos ao egoismo do

homem, a estulta apprehensão de que fóra deste estado infimo não ha salvação possível para nós e para elles. Estará tudo irremediavelmente perdido. Porque os homens pensam que nós seremos menos escravas de nossos conscienciosos deveres, do que da tresloucada e tyranica preponderancia que exercem sobre os nossos legítimos direitos.

Pensam que seremos melhores na qualidade detestavel de cousas do que na excepção justa e logica de pessoas; peiores sendo, companheiras do que sendo escravas! E enfim um prejuizo secular que não pode ainda ser vencido pela razão, pelo sentimento de igualdade; que é o apanagio das civilisações modernas.

Eu não pretendo, qual Joanna d'Arc, de uma cruzada santa, conduzir exercitos á victoria, desfaldando o estandarte aurifulgente da legitima e sagrada — Emancipação da mulher, — porque não tenho força nem talento para tanto; mas não deixarei jámais de pensar assim e dizer francamente aquillo que penso. Não interceptemos os raios do sol com a transparencia de uma cambraia.

A mulher deve ser livre e equilibrada em suas funções como o homem na sociedade. Tenhamos este principio por base, que só elle é verdadeiro. Entre nós falla-se muito da educação da mulher; mas tudo sem desernimento. Referem-se a uma especie de polimento de espada que não se destina a ferir, senão a brilhar ingloriamente. E em que consiste essa tão decantada educação? No seguinte: —saber mal o portuguez, a arithmetica, o francez, o canto e o desenho, e muito mal arrumar a casa.

E' o grande ideal! Porque, aqui para nós — parece que nem tudo isso sabemos.

O caso é que a tal decantada educação não nos adianta idê... Se nós não temos uma idéa mais nobre!... Se não temos e relação que nos elique!... Aquella que consegue romper este acanhado circulo de ferro em que agamos, e pelo estudo e sabedoria chega ao conhecimento das cousas, essa só consegue uma coisa envolver-se em uma atmosphera de descrença e de tedio, em um meio em que a sua individualidade, que ella começa a discernir, não tem objectivo digno de si.

Algumas pessoas concordam em que a mulher deva ser educada para ser boa mãe de familia. E' justo. Mas alem desse mister o que faremos de uma educação solida, que possa ter desenvolvimento nesta ou naquellas aptidões especiaes aproveitaveis á sociedade, isto quando não tenhamos filhos a educar?

Nós não somos mãos todos os dias e ás vezes não o somos nunca.

Ha nestas multiplas questões que se prendem ao magno problema da Educação da Mulher, problema de uma natureza particular e de uma difficuldade transcendente.

E' preciso estudar muito, banhar o espirito na luz da sciencia; mergulhar o pensamento na historia; fazel-o surgir no direito. Além disso é preciso ter fé e esperança no futuro, que hade amparar a causa santa da nossa emancipação, que é a nossa elevação moral. Mas é preciso desde já romper com o preconceito e com a estultice dos homens, que nos tem avassalado nos seus caprichos, começando por estabelecer bem positivamente as bases dos nossos direitos.

Estou certa da que caminharei commigo na senda desta ardida propaganda, incitadas tambem pelo exemplo das nossas amigas que na França e na Inglaterra desfaldaram aos ventos do porvir o estandarte das nossas liberdades.

A revolução que deu ao mundo a igualdade do homem teve por theatro uma das mais gloriosas nações da vetusta Europa, pode estar reservada á joven America a immensa gloria de ser o theatro da grande conquista da nossa igualdade. Luz e progresso, é hoje uma Jegenia americana. Seja tambem nosso esse patrimonio bendito.

E' esse entusiasmo que me arroja a esta propaganda, por amor deste Brazil, que me viu nascer, e que eu desejo ver engrandecido no apogeo de todas as glorias, e em cujo seio a mulher seja nobre, instruida e livre.

Josephina Alvares de Azevedo.

AS MAES

E' do intimo e mysterioso recesso da familia, onde se divinisam as grandes virtudes, que sabe o filho querido para o rude combate da lucta pela vida.

E, se a influencia profunda, incessante, quasi soberana que as mães exercem sobre os filhos com os seus exemplos, os seus conselhos e ás vezes com as suas lagrimas, for condignamente aproveitada não louvavel intuito de desenvolver os nobres instinctos que engrandecem ao homem, estamos certas de que jamais a mão do crime extinguirá de seu coração o sello indelevel das virtudes que lhe forem incutidas. Sobre este assumpto assim se expressa um notovel escriptor: "Principia a educação no berço da criancinha recentemente nascida, e já a pronunciar natureza revel e ruim de caprichos que é mister sopear-lheo."

E' portanto a mulher a primeira

mestre do homem, seu primeiro instrumento e talvez ultimo de educação. Não a exauthorremos de tal privilegio, porque de Deus lhe vem, ao interpolla em meio dos homens, anjo do bem-fazer e do amor.

A mais desgraçada educação é uma, em que não se nos deparam vestigios de mulher, que quebra com affectos a rigidez das paixões fogosas e maliza a sociedade humana com uns realces de condescendencia mutua — symbolo exterior e profundo de civilisação." Se as mães têm, pois a parte mais importante e séria na educação da primeira idade, que é quando se formam o gosto e as observações que toda a vida nos encaminham; justo é que o seu desenvolvimento physico, moral e intellectual não seja mais comprimido nos atrophiadores moldes, que nos legou a idade media. E, effectivamente, essa educação longe de dispor-as para a nobre e elevada missão que as espera na sociedade, procura atingir fin; inteiramente oppostos, aquelles que se deveria desejar.

Entretanto ninguém deixará de convir, que em relação á sua instrução manifesta-se um movimento progressesivo, e que existe tal ou qual empenho em instruil-as porém bem superficialmente; quanto da educação — como já disse algures — parte inseparavel da instrução, nem no lar domestico, nem nos estabelecimentos apropriados ao ensino, quasi ninguém d'ella cuida. Trabalha-se incessantemente para ornar-se a memoria mas o entendimento e a consciencia jazem adormecidas.

Onçamos em referencia e isto a voz authorisada de Aimé Martin: "A memoria deve ser bella para attrahir a attenção e agradar; deve ser meiga e submissa, para ser ouvida e estimada diz uma mãe a sua filha; o que tanto vale dizer-lhe; em tudo deve substituir as apparencias á realidade — vaidade nos adornos, vaidade nos talentos agradaveis, vaidade na instrução. Com poucas excepções o que contine hoje a educação é o parecer, enão o ser.

O que a vaidade diz é o que a mulher quer e o que o homem executa; tal é a marcha do mundo.

E o que succede? A volubilidade d'um sexo influe necessariamente nos habitos do outro; ellas são futeis para agradecerem; é preciso que os homens se tornem frivolos para, por a sua vez as seduzirem.

D'ahi provém sem duvida, muitos dos males que affligem a sociedade, que affrouxam os laços da familia, que enfraquecem a sua energia primitiva sujeitando a vida ás formulas coprichosas, e ás vezes degradantes.

E, como diz M^{me}. Bernier, a ignorância em que as mulheres estão dos seus deveres e o abuso que fazem do seu poder, faz-as perder o mais bello e o mais precioso de seus dotes — o de serem úteis.

No meio da decadencia moral d'esta epocha, em que vê-se gradualmente ir-se extinguindo do coração do povo a confiança na creença piedosa, em que a unica paixão predominante é accumular riquezas, d'onde resultam esse egoismo marmoreo, essa indifferença glacial e orgulhosa que quasi nos têm feito olvidar o santo amor da humanidade, só as mães podem impedir as infesta torrente do materialismo, que ameaça invadir tudo. Sim, aquellas que aspiram a felicidade dos seus filhos, a solidez e aconchego do seu lar devem juntar-se aos esforços de todos que amam ao bem, para educar dignamente a nova geração, em cujas mãos estão os destinos de amanhã; tendo em vista que a instrução por si só é uma jarma perigosa, e que o seu cultivo unicamente não basta para o engrandecimento da humanidade; que ambem lhe é indispensavel essa cultura moral, esse pensamento religioso despido dos prejuizos e superstições d'outras éras, afim de tornal-a feliz pela virtude, pela intelligencia e pela luz.

ANALIA FRANCO.

Pretendem que as mulheres não são capazes d'estudos, como se a sua alma fosse de especie diferente da do homem, como se ellas não tivessem tambem uma razão que dirigir, uma vontade que regrar, paixões que combater, ou se lhes fosse mais facil do que a nós satisfazer todos estes deveres, sem aprenderem coisa alguma.

Padre FLEURY

Influencia da mulher na educação social

Fermina exornat dies et intellectus hominis et civilis.

ZOROASTRO.

Sempre que se trata de um assumpto de alta magnitude, como o vigente, indeclinavelmente manuseia-se a historia, mestra da vida, na phrase de Cicero. escripto dos conhecimentos humanos no sentido de Zenon, para com a eloquente nomenclatura dos factos demonstrar-se irrefragavelmente

o proposito a que nos commetemos, assim com a historia em frente demonstrarei á sociedade que a mulher em todas as épocas foi, como é, o principal factor da educação social.

Remontando-se aos primeiros tempos

da vida humana quando as tribus procuravam um nucleo commum o principal chefe das mesmas no conselho deliberativo, ouvia em primeiro logar as mulheres das tribus, assim como no fim do conselho dava a ellas a palavra para — completar e determinar os acontecimentos, é o que dizem Cesar Cautú, Leopardi Mommsen historiadores de primeira esphera.

Deprehende-se pois, que segundo a historia a sociedade em sua eclosão dependeu directamente da influencia da mulher, e assim a educação desses povos foi trabalho della, exclusivo.

Na antiguidade o povo mais avançado em conhecimentos, a Grecia, reunia em seu «Agora» as mulheres para que emittissem a forma de proceder nos acontecimentos da nação determinando como se devia instruir o povo.

Em Roma no «Forum» todas as celebridades pediam que na decisão dos destinos da patria, «verbi gratia», o preparar a intelligencia do homem fosse a mulher incumbida.

Na media idade, quando se curava da reorganização social pensaram os governos que a mulher era o elemento essencial dessa reconstrução segundo dizem aquelles historiadores supra mencionados.

Nos tempos hodiernos, a mulher é o principal movel da educação e engrandecimento dos povos.

Demonstraremos: A unificação da patria de Manzini, e Garibaldi não se deve a esses proeminentes vultos, porém, aos labores e hombridade de Josephina Zoglia essa heroína siciliana como diz Luigi Setembrine.

Na Russia o nihilismo urinou-se da influencia de Thereza Rokwou porque a mulher era nesse paiz considerada até essa época como uma propriedade do homem. Na França sabemos que George Sand, Stael e Dauphine, foram o elemento destruidor do cesarismo Napoleónico, sendo o mais importante e unico elemento da nova ordem de acontecimentos na educação desse povo.

Educar é estabelecer e constituir costumes que se amoldem á moral, quer do individuo, quer para aquelles com quem esse individuo tem impreterivelmente de conviver.

Ora a mulher por sua natureza e pelos factos que a todos os momentos laboram na vida humana, é a organizadora desses costumes, por tanto a mulher é a unica, e a principal

constituição, com diz Emilio Castellar, a phalange heroica das grandesas no organisar da força e dos triumphos do povo, é a educação provinda dos labios da mulher que commosco convivendo nos mais intimos momentos da vida,

onde aberto e o nosso coração a todas as sinceras expressões da verdade, faz que estejamos adaptados ao sublime em prol de todos os concidadãos.

Não se pode colher argumento mais favoravel para a sustentação do principio que encima esse artigo, do que procurar na propria vida quotidiana do homem que se manifesta nos minimos actos bons ou máos, a maneira porque recebeu na sua infancia os dictames da educação.

Para não nos alongarmos diremos, educar ou propriamente constituir costumes, e com elles prejudgar do character, valor intellectual e moral daquelle com quem temos por dever social de entreter relações, é poder que deu á mulher até hoje a supremacia nos destinos sociaes, porque sómente ella pôde organisar e fazer brotar no coração do ser que se diz forte os habitos bons, e respeitadores da harmonia de nossas relações,

ISABEL DILLON.

Córte, 15 de Novembro de 88.

A educação das mulheres é mais importante que a dos homens; por isso que a destes é sempre obra d'aquellas.

FENELON.

A MINHA IRMA

Uma irmã é uma amiga que a Providencia nos envia, e que muitas vezes nos serve de verdadeira mãe.

A irmã mais velha, principalmente, exerce grande dominio sobre os irmãos mais moços, de quem ás vezes é madrinha; é o *ai-Jesus* da familia, que n'ella concentra todas as suas afeições; é o braço direito da mãe, que não pode acudir a todos os cantos da casa, onde se requer a sua presença; é o anjo tutelar dos creados e dos empregados; é a *ben-cinda* dos pobres e indigentes.

Eu fiz o retrato de minha irmã idalatrada.

HONORIA AUGUSTA DE CAMPOS.

EXPEDIENTE

Faz parte da redacção e collaboracção desta folha a Exma. Sra. Doutora Isabel de Mattos Dillon.

A EDUCAÇÃO DAS MULHERES

Inaugurou-se em Paris o Lycen de Molière, destinado à educação feminina em Paris.

O Sr. Lockroy, ministro da instrucção publica, assistio à cerimonia e pronunciou um brilhante discurso, que foi muito applaudido.

Fez notar a necessidade de reformar o ensino da mulher moderna e terminou com as seguintes palavras:

“A honesta liberdade do pensamento, a gravidade simples do sentimento, eis o que é preciso antepor a tudo; eis o que é preciso adquirir e propagar depois em volta de si: é com estes elementos que a mulher se pode tornar verdadeiramente igual do homem, e tornar-se digna do unico papel que hoje lhe convem — o de educadora do paiz.”

A inscripção antiga resumia nestas palavras o elogio de uma verdadeira mãe de familia. “Amou o marido com todo o coração; olhou pela casa, e fiou a lã.”

A mulher moderna deverá tambem merecer esses honrosos, mas é preciso acrescentar-lhes ainda isto: “Fez dos seus filhos cidadãos esclarecidos e viris, capazes de servir a patria, tanto dentro como fora do paiz.”

«O futuro de uma creança, dizia Napoleão, é sempre obra de sua mãe» e o assignalado varão folgava de repetir que devia à sua o ter chegado à grandeza a que chegou!

AIMÉ MARTIN.

A CASA

I.

Doce palavra que de todos os prazeres consola!

Oasis da vida, retiro encantador da mulher, grato albergue do homem! Quanto devemos estimar-te todos os que sabemos o que é amar e sentir!

— A “minha casa!” Aquelle que possui ao menos o pão diario, deve contar como a primeira, como a maior das felicidades, o poder pronunciar estas palavras.

A casa deve ser o sanctuario da mulher e o sitio onde deve achar-se melhor que em outro algum, e, não obstante, vemos mulheres que passam a vida de festa em festa, e que apenas entram no lar para comer e dormir. Lamentamos profundamente, e sempre que vejo algumas d'ellas, acode-me à lembrança a triste historia seguinte:

II.

Uma menina muito bonita e muito da moda, casou-se ha uns tres annos com um homem a quem amava; era elle intelligente, mas ambicioso, e conhecia perfeitamente a grande frivolidade de sua mulher; olhava-a como um dos formosos quadros da sua bonita galeria de pinturas.

A esposa não dispunha nem da mais pequena parte da fortuna conjugal; quasi nunca sahia com o marido, este quando tinha spleen ou algum desgosto, encerrava-se no seu quarto; quando estava alegre ia jantar com os amigos.

Precisó é dizer, que em compensação, deixava sua esposa na mais completa liberdade, e que ainda não tinha manifestado desejos de possuir um vestido novo, um enfeite, umas rendas de elevado preço, uma joia — e já tinha no seu guarda-facto ou no seu joalheiro.

Que mulher tão feliz! diziam ás suas amigas. Em quanto foi solteira divertio-se quanto quiz; fez depois soberbo casamento e vive agora como uma rainha!

O mundo engana-se com as apparencias, como succede sempre, com a mulher leviana, que pouco antes só pensava em theatros e bailes, a gentil amazonas que percorria essas ruas seguidas de uma nuvem de adoradoras, tinha principiado a reflectir no isolamento e na solidade de sua casa.

Tinha a cabeça oca, mas o coração bom e amante, e isso comprehendeu que não occupava o logar, que era seu, nem no lar, nem no amor nem na consideração do marido.

Não era sua amiga, nem sua companheira; era uma coisa bonita de quem só cuidava como das porcellanas, de seus consolos; era uma figura mechanica, como o automato jogador do xadrez, que por elevado preço tinha comprado na Alemanha.

III.

Um dia, a pobre mulher foi ter com o esposo, quiz fallar-lhe e desatou em pranto.

— Que tens! perguntou-lhe o marido. Desejas um vestido novo? Terás

dois. Uma carruagem? Estreal-a-has amanhã.

— Não, não desejo nada d'isso! respondeu a pobre esposa. O que anheio é o teu amor.

— Que motivos de queixa tens de mim?

— Não sou tua amiga! vou sózinha a todas as partes! Não me confias os teus pezarres! Finalmente não tenho em tua casa o logar que me pertence como esposa.

— Ora, adeus! tornou-lhe o marido, conserva o logar que tens, porque não saberias estar n'outro.

— Pois que! exclamou ella exasperada, negas-me toda a sensibilidade e toda a intelligencia?

— Vi-te desde que te conheci, sob o aspecto mais frivolo; não me casei contigo para que compartisses os pezarres e fadigas da vida, mas sim, porque és bonita e desejo ver-te sempre.

— Ah! exclamou a triste mulher, levantando o semblante empallidido pela dôr e pela ira. Eu sou uma coisa bonita que tu compraste, mas dás o teu amor e todo o teu tempo à outra mulher! Sei tudo e não quero calar-me por mais tempo.

Um silencioso fastidioso succedeu a estas palavras.

— Não quero negar-te o que já sabes, disse o marido, grave e tristemente. Consola-te, por'in, com saber que essa mulher é tão feia como formosa tu és, sendo, além d'isso, mais adiantada em annos.

— Então que é que nella te captiva?

— A sua elevada intelligencia, a sua conversação encantadora, a sua profunda sensibilidade; coisas estas que nunca esperei encontrar em ti; a intimidade da alma, a sympathia das idéas como outro ser, constituem uma necessidade irresistivel para o homem; e aquelle que encontra lar vasio vai sentar-se n'outro, onde acha o que no seu lhe falta.

Desde aquelle dia, a juvenil esposa quiz provar a seu marido que podia compartir com elle o peso da existencia, dedicou-se a aformosear a casa e, retirada nella mudou completamente o seu methodo de vida; lia, e aperfeiçoava-se na musica, costumava-se a pensar, e chegou a ser, finalmente uma alma, que achou o caminho da de seu marido, do qual prevenia todos os desejos, e compartia todas as impressões.

O marido chegou a entender que tinha em sua casa alguma coisa mais do que um movel como os demais; affeição-se tambem aos tranquillos gosos do lar, desde que, em vez de o encontrar solitario, o achava guardado por sua formosa esposa; e elle que lhe

fallara com tão rude franqueza, teve então um prazer infinito em allumial-a com os raios do seu proprio talento, offuscado pelas nevoas do materialista e frívolo da sociedade. Já ella é amiga, a companheira e o unico amor do homem, a quem ligou o seu destino, a que constitue a maior, e, talvez, a unica felicidade positiva da mulher, que nasceu com um coração bom e sensível.

IV

A casa! O lar!

Onde se descança melhor, onde se encontra maior satisfação e mais suave bem estar.

Vão as festas mais esplendidas do mundo, e raro será que não voltem para casa com o corpo fatigado e o espirito igualmente fatigado; mas na doce tranquillidade de suas casas nunca estarão sós; os moveis, os livros, o piano, o periodico que traz as mais lindas noticias da moda, o passarinho que canta na gaiola, o ramo que lhes dá o perfume, todos estes objectos lhes parecem, e com razão outros tantos amigos que lhes sorriem e os amam, alli não ha decepções, alli não ha inveja nem malidicencia, alli tudo é paz socego, harmonia e repouso, alli desde a sagrada imagem que nos escuta os rogos, até os visinhos da sacada, tudo é querido, como queremos a tudo quanto vive nos nossos cuidados.

A mulher que não se encontra bem em sua casa, em balde procurará a felicidade no ruido e nas festas, porque no mundo, e no meio dos seus mais esplendidos boligos a alma da orphã está tão isolada como nas mais vastas soledades, como nos mais horrorosos desertos.

MARIA.

Duvier, attribuia a sua mãe a felicidade dos seus estudos e a gloria das suas descobertas.

Aimé MARTIN.

OS CABELLOS

Quem me dera possuir uns cabellos tão lindos como algumas de minhas amigas! Havia de penteal-os e enfeit-al-os cada dia de seu modo.

Os meus não são feios, graças a Deus porém eu queria tel-os ainda mais bonitos; negros, negros da cor da noite, me ficariam a matar: dizem...

Gosto de ver uns cabellos pretos em carinha de jambo, cabellos castanhos em rosto claro, e dourados em face mimosa e alvissima.

Os cabellos pretos indicam natureza ardente, os castanhos amor sereno, e os dourados indifferença.

Pelo feitio do penteado bem se pôde ajuizar do bom ou máo humor de quem o traz, pois o penteado baixo quer dizer "desanimo," o alto "valadado," o não alto nem baixo "bom senso;" cabello alto indica "devaneio," em caixos "affectação," em tranças "ternura".

Escusado será dizer que o meu penteado está sempre no justo "meio termo".

AMELIA VALLE.

A ignorancia em que as mulheres estão dos seus deveres, e o abuso que praticam do seu poder, fazem-lhes perder o mais bello e o mais precioso dos seus dotes, o de serem uteis.

Mme. BEANIEA.

PRIMAVERA

Oh! na primavera as flores
São outras, tem mais frescura;
Tem mais vida, mais odores,
Tem uma seiva mais pura.

O campo é mais verdejante,
As fontes mais crystalinas,
A brisa mais sussurrante,
As rosas mais purpurinas.

Cardumes de borboletas
Dondejam pelos vallados,
Pousando alegres, inquietas,
Nos castos lyrios nevados.

As gottas d'agua, trementes,
São per'las amarantinas
Que brillam, bellas, algentes,
Pelas reivosas campinas.

Oh! na primavera as flores
Tem outra seiva no soio...
Assim tambem os amores
Tem outro encanto, outro encio.

JOSEPHINA A. DE AZEVEDO.

Não acho motivo para tratar as mulheres com menos secciedade que os homeas, para lhes disvirtuar a verdade sob a forma de um preconceito, ou o dever sob a apparencia d'uma superstição; ellas tem direito ao dever, tem direito á verdade, por isso que são capazes d'ambos.

Mme. de RÉMUSAT.

CONSELHOS

Jeovah, o paer de misericordia, de perdão e de amor, muitas vezes permite que Lusbel, o feio espirito trevososo, o condemnado de seculos, seguindo as lendas biblicas se associe, tambem, na feitura de suas obras.

Foi assim que Jeovah, vendo um dia o descontento que iria por esses mundos se não lançasse n'elles uma fibra de seu coração immenso, lembrou-se de crear o amor... e Lusbel que não dorme, e espia atravez dos seculos; o que pensais que fez? Suppondes que se humilhou constricto ante esta scen-tella que vinha illuminar as orbes? Lusbel. Lusbel creou simplesmente o ciúme... e desde então, por tal forma as duas creações se associarão, que hoje, é quasi impossivel separal-as; e fostes vós miserias filhas de Eva, as mais aquinhoadas nessa herança tremenda... e nem tendes de quem queixar vos, porque, filhas ingratas olvidastes os preceitos maternos — Mergulhai nos mais fundos abysmos do passado, revolvei o Exodo e o Genesis e não achareis noticia, de que fosse ciumenta a nossa mãe commum. E' que ella bem sabia, o pobre della, nunca percorreu europicas terras, creio mesmo que nunca se affastou do *pavão perdido*, é que ella sabia que o ciúme degrada e avilta, corróe e martyrisa.

Aprendei, pois, que os vossos labios se fizerão para repetir palavras de amor e de consolo, e que portanto nunca seão contrahidos pelo ciúme que produz o odio.

Aprendei que o vosso olhar, onde deve residir a esperanza e a fé, se não desvaire, aos embates desse sentimento feroz.

Aprendei que o vosso talhe arredondado e gracioso, para tudo se fez, menos para o movimento brusco e arrebatado que o tal *bichinho* provoca.

Aprendei, finalmente, que o ciúme é a mais flagrante prova de vossa inferioridade, que elle vos amesquinha, a vós que sois o mais bello producto sahido das mãos de Deus, a vós que sois as intermediarias entre o céu e a terra, porque abrigaes em vossos seios a pureza e o amor, a esperanza e a fé.

JOSEPHINA A. DE AZEVEDO.

O ENSINO

Sciencias e artes, tudo requer uma aprendizagem maior ou menor, para dar fructos saborosos, como diziam os antigos, — *é preciso dar tempo ao tempo.*

Mas, de todas as aprendizagens, a

do ensino é a mais ardua e melindrosa.

A professora que se presa, tem muitas vezes vertigens, só com o lembrar-se de que estão confiadas aos seus cuidados, futuras donas de casa e mães de família pois, em um país christão como o nosso, o cidadão educa-se na família, e nesta reina a mãe, a mulher.

Cada mestre tem seu methodo especial na exposição e desenvolvimento da materia que ensina; e a cada momento precisa complica-la ou resumil-a, invertel-a ou modifical-a, conforme o grão de intelligencia e desenvolvimenta intellectual, dos seus alumnos.

Todos os dias sahem à luz da imprensa novos methodos de ensino que, a acreditarmos no que d'elles se diz, são a ultima palavra sobre a materia, e por isso nada mais ha a descobrir e aperfeiçoar.

Annuncios posteriores de novas obras mostram-nos porém, que se havia tomado a nuvem por Juno, e que elevados engenhos sequiosos do progresso se haviam deixado illudir pela miragem do deserto.

E' que a sciencia do ensino é na verdade difficilissima!

Todo o methodo de ensino é bom contanto que se saiba fazer uzo d'elle; ha porém uns methodos melhores do que os outros.

Lê-se em Frabel — *Tout education et tout enseignement doivent être a leur degré indulgents, flexibles, souples se borner à protéger et à surveiller, sans partis pris et sans système arrêté.*

MARIA DA PIEDADE PINTO.

SONHANDO

E Call adormecera...

O pallido rosto immerso em ondas de cabellos, destacava suavemente na moldura de Bruges da almofada.

Sonhava e estremecia, fazendo scintillar as gottas de luz que a lampada de Saxe entornava, indifferente, pelo bordado de prata da colcha de setim.

Sobre o seu leito inclinavam-se risonhas, as duas violetas que elle lhe mandara.

Eram fadas agora; uma, a dos so thos azues, que escutara, a tremer, a sua aspiração, segredava-lhe, mysteriosa, o que elle dissera pouco antes. A outra, deusa dos sonhos de amor,

contava e mo lhe suspirava o poema da sua alma, com a descripção e suavidade do seu perfume e cor!

Mas que elle, ao respirar-lhe o aroma, sorrija e dissera: «Vae adoravel mensageira d'ese amor desconhecido, eu nao tenho por habito responder... a anonymas!»

Call empallidicou, escutando-a, e dizia-lhe a chorar:

«Voa, deusa dos sonhos de amor— conserva-te sempre junto d'elle a fallar-lhe da minha adoração; si insistir em me saber o nome, diz-lhe que sou uma desgraçada, a quem chamariam lonca, si através da espessa camada de gelo, que aparentemente a envolve, deixasse transluzir a chama do amor que a queima!»

E voltando-se: «Tu fada dos sonhos azues, se a minha inseparavel companheira. Embala-me docemente até adormecer no esquecimento da morte!»

Call despertou.

Ria o sol pela guipure da janella.

Nos seus grandes olhos pretos dois Circulos escuros contrastavam singularmente com a alvura lyrial do rosto tallado em marmore de Paros.

N'essa noite, a sahida de S. Carlos, conchegando aos hombros a capa de pelucia. Call, sentia ainda nos ouvidos a voz melodiosa do duque Mantua.

E quando ao adormecer, lhe passou pela vista a «sua» figura airosa e deslumbrante que a entontecia e extasiava sorriu e mormurou com tristeza:

— A unica cousa que nos é permitida a nós, mulheres, eternas visionarias é sonhar... sonhar!

MARGARIDA DE SIQUEIRA.

CAPRICHOS

Tens razão! Do seio oppresso, ermo de risos e flores, heide arrancar os fulgores que alli deixou teu olhar. Heide esmagar, uma a uma, as illusões cor de rosa que essa voz harmoniosa na minh'alma fez brotar.

Tens razão! Has de julgar-me descrente, orgulhosa e fria, gelada estatua sombria que a luz do sol não doarou. Heide fingir-me indifferente! Dizer-te a aridez immensa d'um seio onde a luz da creença se extinguiu.. se dissipou!

E quando tu, commovido, vieres contar-me sorrindo, que é immenso, extremo, inflado, o affecto que te une a mim; quando vieres revelar-me teus projectos de ventura, os teos sonhos de loncura, teus devaneios sem fim...

Heide mostrar-te a ironia no riso acerbo e pungente! no gesto o sarcasmo ardente! atroz cynismo no olhar! Dizer-te que feneceram as minhas creenças mais queridas, como essas folhas caídas que o vento leva ao passar!

ANNA D'ALBUQUERQUE.

LE POETE

Le Poete succède à la Soeur désolée;

Et son visage aussi

Retrace la douleur d'une âme inconsolée

Qui demande merci.

Il dit: «Fille des cieux! vierge exempte de crainte!

Pure divinité,

Par qui doit se confondre en une seule étincelle

Toute l'humanité!

MARIE DE RUTE.

DESCUTA

A MINHA HUMA SUZANA DE O. COSTA

" A vida é uma cadeia de mentira!... Sempre o demonio ao pé do seraphim!... A sombra da desgraça e do exterminio Sempre toldando os lustres do festim!

Fugundes Varella.

Quando os meus dias sorriam serenos por entre as harmonias da infancia, muitas vezes o anjo de minha

phantasia, cortando nevoeiros com as niveas azas, transportava-me a um mundo ignoto e incompativel com a minha idade.

Habitava-o uma sociedade amavel, tão amavel que me attrahia!

Em cada labio, a flux, eu via florir um sorriso tão seductor que me arbatava nos arminhos do extasis...

Em cada olhar avelludado uma cotelha viva e ardente irradiava com tanto encanto e fixidez que me commocionava e prendia...

Eu hebria a longos sorvos os sorrisos meigos, tão meigos que me enlevavam os olhares abrazadores que me deslumbravam, e as falsas ternas, tão ternas que repercutiam-me aos ouvidos como uma cavatina celeste, incitando-me ao amor.

Ao amor!.. E soberia eu o que era amor? Não. Mas sentia-o... e sentia que era um oasis verdejante e ameno em cujo seio placido vamos repousar das fadigas cruciantes da vida... que era uma flor olente e mimosa, tão mimosa como um ideal de Deus, pura, tão pura! que ondeava alvinitente por sobre o sentimentalismo de nosso coração!..

Era o amuleto que contra os escholhos da existencia, nos dava o Ser Supremo.

E eu sentia que amava e amava essa sociedade tão bella, tão pura, tão attrahente pela sua superficie, e... amava-a!

Minh'alma pura, virgem, incauta, desenroulou suas gazes para envolver as crengas tão louças que agitavam-se-me, emergidas pelas seducções desse mundo para mim altruista que acabava de, qual ousado Colombo, descobrir bello, ridente e magestoso!

E, descobrindo-o disse ao anjo de minha phantasia:

— Como são bellas estas paragens!.. Parecem ungidadas das bondades do céu!

O anjo olhou-me... sorriu-se com ternura e disse-me:

— Caminha. E fez-me approximar de uma mulher formosissima, cheia de magicos esplendores, envolta em ondas de mysticismo immergida nas essencias perfumosas de seus encantos divinaes. —

Era a illusão — que accolhendo-me com um inconcebivel sorriso, com um amplexo feiticheiro, levou-me pela mão aos seus dominios amplos e luminosos.

Ella engolphou-me nas suas meiguices, embalou-me com a symphonia de seus osculos embriagadores.

E eu adormeci... e adormeci no seio dessa gentil chimera, á sombra da crenga e da esperanza que sobre mim curvavam graciosamente seus galhos viçosos efflorido!

Mas, oh! — uma — sombra — que ante mim surgiu — o infortunio — não consentiu que o meu sonho fosse muito prolongado e acabou-me á essa doce mancenilha que me disputara... E eu despertei...

E despertando procurei com o olhar o numem, o genio que me instillava n'alma tanta ventura! Mas, oh! fatalidade! elle havia fugido sem deixar após si vestigios de sua passagem.

Uma nota triste, tão triste como o olhar do moribundo, desferiu-me o alaúde d'alma, que foi encontrar com o sorriso meigo e compassivo, tão compassivo como o das virgens martyres do christianismo, o qual desabrochou nos labios de meu anjo, sobre a alfombra, reclinado em crepe.

E eu perguntei-lhe:

Onde jaz agora minha encantadora illusão?

— Espera!

E rasgando os sendaes de neblina que interceptavam-me os passos e annuviavam-me os olhos, mostrou-me dous perfis de mulher. Um com a fronte sombria e descabida humedecia o regaço com as bagas crystalinas de seu pranto e o outro sereno e illuminado — era a razão.

A attitude, a expressão soffre-lorá da primeira, commoveu-me, attrahio-me e incitou-me a interrogar-a:

— Quem és? Porque choras?

— Infeliz!.. atalhou a razão... vai, segue teu caminho... não te approximes della... não sabes quem ella é..

— Não, não a seguirei sem que me digas qual é a origem de tal dor... respondi-lhe:

— Pronvéra que o não soubesse. Mas o teu fado me enternesse e com ardor anceias o segredo da vida... Vê e ouve a revelação da triste e desconsoladora realidade..

E voltando se para a mulher triste, tão triste como o sonho do poeta no exílio, disse-lhe:

— Falla-lhe... esclarece-a...

E ella erguendo o busto debil principion assim:

Não vês, além aquella multidão que te acena, que te abraça, te sorri... não vês?

Pois bem; aquelles amplexos não os perfuma a sinceridade e aquelles sorrisos são desabrochados pela aura subtil da dissimulação!

Olha: em cada palayra, em cada rosto, não vês alguma cousa que não é natural... uma linha que dá uma feição mais dura áquelle todo apparentemente perfeito?

— Sim, sim... respondi-lhe descobrindo e tremula de emoção... Julgo ver agora projectar-se atraz d'aquellas

transparencias tranquillizadoras a sombra de uma... ironia!

— Muito bem! Allí está o patibulo de teu ideal, desmoronamento de todas as tuas bellas esperanças!

E eu em soluços retorqui-lhe n'um grito um pouco abafado:

— Oh! por Deus! Quem és tu cuja tetrica figura atterra-me e aniquilla-me, e infiltrando-me a descrença e o desalento n'alma!.. tu, cujo contagio fana as flores mimosas de minha mocidade, os santos perfumes da minha adorada existencia, — o meu acariciado talisman.

E o sombrio espectro avancando para mim com um pallido e medonho sorriso, soprou-me n'um halito gelido e desdenhoso esta fatidica sentença:

— Eu?... eu sou o Desengano!!

MARIA LUCIA ROMARIZ.

O MORCEGO

Um morcego presumido
Fez nas trevas mil projectos,
Dizendo, que a luz não era
Essencial aos objectos.

Que para subir tão lato
Como as aguias, bastaria
Ir subindo para o ar
Antes que nascesse o dia.

Sem mais calculos fazer
Sem suas forças medir,
Bateu as dentadas azas
E começou a subir.

A madrugada, entre nevoas
Assomando no horisonte,
Inda sossobrou um pouco
O nosso novo Phaetonte:

E logo que a luz serena
Do formoso sól luzio,
Foi subindo até aos astros,
E lá de cima cahio.

Cahio por terra, coitado:
Mas o seu engenho opaco
Não descobriu outro abrigo
Mais que um escuro buraco.

MARQUEZA D'ALORNA.

NOVIDADES

BRAVO!

Na Faculdade de Direito do Recife terminaram o respectivo curso, devendo receber em breve o grau de bacharel em sciencias sociaes e juridicas, as Exmas. Sras. DD. Palmira Secundina da Costa, Maria Fragoso e Maria Coelho da Silva Sobrinho.

São estas as primeiras senhoras que no Brazil se formam em Direito.

Que tenham muitas imitadoras é o que sinceramente almejamos.

SALVE!

A illustre senhora rio-grandense, doutora Rita Lobato, abriu o seu consultorio medico na cidade de Porto-Alegre.

Na Irlanda existe uma grande associação de senhoras, dirigida por Anna Parnell, a qual tem por fim trabalhar pela autonomia irlandaesa de accordo com a Liga Agraria.

No Brazil, existe uma sociedade de dança, dirigida por senhoras.

Sempre é alguma cousa!

Está na Corte a illustre cirurgian dentista, Doutora Isabel Mattos Dillon, que segundo nos consta vae alli abrir o seu gabinete.

Quantos paes julgam ter educado suas filhas, por lhes haverem pago mestres.

Mme. BERNIER.

O ESPIRITISMO

Madame de Girardin, um dos mais finos e graciosos talentos de que a França justamente se orgulha, tinha em subido grau a superstição das mezas girantes.

Eis a anedocta referida a esse respeito, por Luiz Ulbach. Um dia (em 1855) Theophilo Gautier veio à Revue de Paris prevenir-nos que jantara na vespera em casa da Sra. de Girardin,

que esta chegara das ilhas da Mancha trazendo noticias frescas de Victor Hugo exilado, e que estava disposta a escrever a descripção da sua viagem, para ser publicada na Revue. Tratava-se apenas de nos irmos entender com a escriptora. Tomei, acto continuo, uma carruagem e corri à casa da rua de Chaillot. A Sra. de Girardin referiu-me o que tencionava referir no artigo, fallou-me com enternecimento das impressões que trazia do exilio. O seu bello rosto illuminou-se de indignação contra o imperio. Eu estava arrebatado. Via raiar a aurora de uma obra prima.

— Quanto tempo lhe é necessario para escrever isso? perguntei cheio de alvoroço. Guardar-se-lhe-ha o espaço. Vi um véu cobrir a illuminação que me deslumbrara. Uma grande perturbação pintou-se nas feições da Sra. de Girardin.

— Não escreverei essas impressões de viagem! volven ella com um suspiro.

— Porque?

— Porque m'o prohibiram

— Quem? Hesitou um pouco, depois disse-me: A minha meza.

— A meza sobre a qual escreve? Impossivel!

— Nada mais verdadeiro. Hontem, depois da partida de Gautier, pensei na projectada narrativa. N'essa occasião, appareceu o Sr. de Sauley. Falámos de mezas girantes e divertimo-nos a fazer girar a meza.

Lembrou-me interrogal-a e naturalmente interroguei-a sobre o que me preocupava. Occorreu-me dizer-lhe:

— « Sabes qual é o trabalho que quero fazer?

— « Sim, respondeu a meza.

— « Deverei começal-o já?

— « Não.

— « Farei melhor renunciando a elle?

— « Sim. »

Fiquei perturbada. Insisti.

Repeti a pergunta. De todas as vezes, a meza obstinada respondia-me da mesma maneira. Declarou-me que se eu insistisse temerariamente em dar-lhes o artigo, resultariam d'ahi grandes desgostos para mim e grandes desgostos para Victor Hugo... Accuse-me de fraqueza, tem razão, por que a verdade é que não me sinto com a coragem necessaria para desprezar este augurio. Tentei em vão fazer mudar de resolução a Sra. de Girardin. Ella persistiu no seu proposito e eu deixei-a, confundida perante o poder de um prejuizo inventado pela moda. O peor é que este absurdo prejuizo reviveu e conta hoje mais proselytos do que nunca.

EXCAVAÇÕES

Houve tempo em que uma d'essas tempestades bravias que passam despercebida, assolando uma existencia, desfechára contra mim. Era pelo correr dos fins de 1857, e eu regressava de casa de minha irmã onde passára o serão. Acompanhava-me um poeta distincto, que muito me honrou permitindo-me appellidá-lo— meu mestre. Fallou-me da grandeza, toda harmoniosa, das obras de Deus; descreven-me as orbitas dos planetas, e, prophetas de jubilos, porque a sua alma estava tranquilla, anteviu futuras felicidades ao genero humano quando se diffundisse a luz da sciencia! Eu escutava-o soffrendo a impaciencia.

Rugia-me n'alma o inferno; que me importava a mim o céu?! Deu meia noite. E eu vi um vulto deitado ao longo de uma porta: era um homem que dormia socegradamente com a cabeça encostada a uma vassoura.

Parei um momento a contemplar aquelle quadro... Alli, a força, o vigor, a innocencia da ignorancia repousando! Ao meu lado um homem fraco, pallido, com a mente mergulhada em illusões!..

— O que é? perguntou o poeta.

— É a resolução do problema da sciencia.

— Como?..

— É um homem ahi a resfoga tranquillo sobre as pedras da calçada; tem por cabeceira a vassoura, o seu ganha-pão, e por docel o céu estrelado.

— Que quer dizer com isso?..

— Digo que é feliz; que não precisa de sciencias para o ser; que apparenta uma saude robusta e uma consciencia tão placida, como esse somno que dorme

— Sim, é verdade; são mui limitadas as suas precisões; não duvido que seja feliz.

— Pois então, Sr. Castilho, deixemo-nos de antever paraísos! O mundo passará por todas as transformações materiaes; mas o coração humano ha de ser sempre o mesmo; feliz, quando fór ignorante; desgraçado à proporção que a esphera da intelligencia se alarga.

O poeta calou-se: os eccos da noite não repetiram mais que as curtas expressões da nossa despedida à porta da minha casa.

E hoje que a sua alma, tão meiga como sublime, paira pelos mundos desconhecidos, que terá ella sabido d'essas futuras harmonias que restituiriam a humanidade ao primitivo Eden? Mysterio!

MARIA JOSÉ CANUTO.